

U know how
U can tell
when someone
is smiling
just by looking
in their eyes?



ALTA LIFE

EDITORA

www.altabooks.com.br



/altabooks



/altabooks

SPI
EGE
L&G
RAU

A história da ascensão vertiginosa de um dos maiores artistas de todos os tempos, contada por ele mesmo — com fotos inéditas, álbuns e manuscritos originais, e o texto elegante das memórias iniciadas pouco antes de sua trágica morte

Prince era um gênio, um dos músicos mais amados, talentosos e aclamados do nosso tempo. Com sua visão, originalidade e uma grande imaginação, criava mundos inteiros, como o funk sexy e paradisíaco de "Uptown", a paisagem mítica de *Purple Rain* e a psicodelia de "Paisley Park". Mas seu ato criativo mais ambicioso foi transformar Prince Rogers Nelson, nascido no estado de Minnesota, em Prince, uma das maiores estrelas da história do pop.

Em *The Beautiful Ones: Fragmentos autobiográficos*, Prince conta a história de como se tornou Prince — em primeira pessoa, narra sua infância, seus primeiros contatos com o mundo e a criação da sua persona, da sua visão artística e da sua vida, antes dos hits e da fama que marcaram sua carreira. O livro é dividido em quatro partes. A primeira traz o texto das memórias que Prince estava escrevendo antes da sua trágica morte; páginas que evocam o mundo da sua infância em uma prosa lírica. A segunda parte cobre os primeiros anos da carreira de Prince como músico, antes do lançamento de seu primeiro disco, por meio de fotos e manuscritos. A terceira seção mostra a evolução de Prince, em uma sequência de imagens sem retoques que culmina na sua maior conquista, apresentada na quarta parte do livro: a sinopse original de *Purple Rain* — na última etapa da criação de sua identidade, Prince reconta as



três primeiras partes da sua biografia como uma jornada heroica.

Além disso, o livro contém uma introdução do editor Dan Piepenbring, um texto fascinante e comovente sobre sua colaboração intensa com Prince nos últimos meses de vida dele — uma época em que Prince estava procurando uma forma de revelar ao mundo mais informações sobre si e suas ideias sem dissipar a aura de mistério que cultivara com tanto cuidado —, e notas que contextualizam as imagens.

Esta obra não é apenas um tributo a um ícone, mas um texto literário cheio de originalidade e energia, com as ideias e a visão de Prince, com sua voz e sua imagem — seu presente mais inesquecível para o mundo.

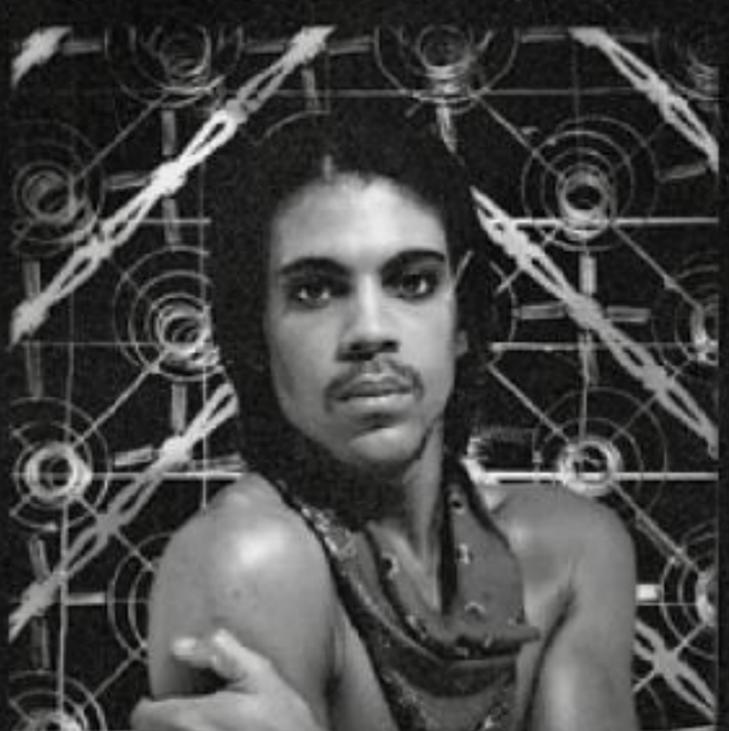
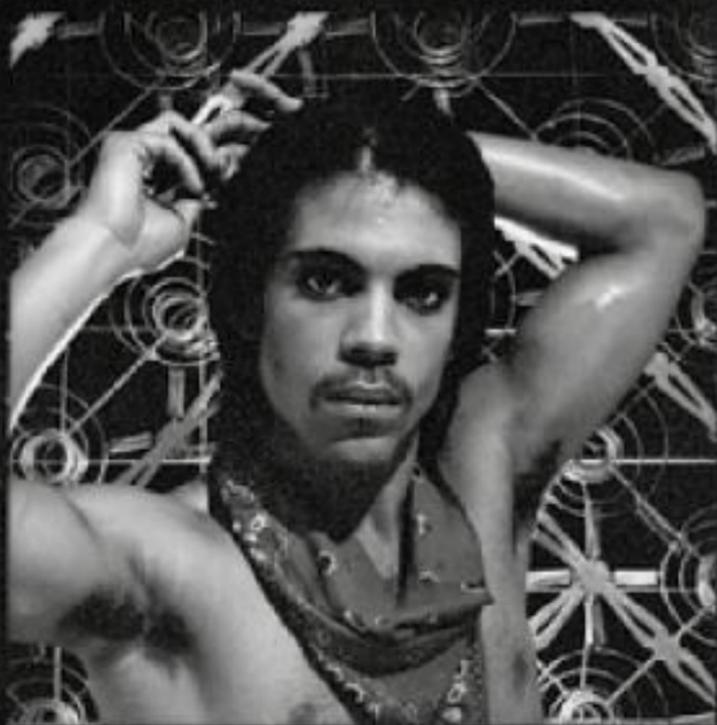
PRINCE ROGERS NELSON é um dos artistas mais populares e influentes de todos os tempos. Conhecido pelo estilo único e por sua versatilidade, Prince teve uma prolífica carreira musical, marcada por uma constante evolução, combinando pop, R&B, hip-hop, jazz e soul. Prince vendeu mais de 100 milhões de discos no mundo todo, sendo um dos artistas mais bem-sucedidos da história. Ele recebeu sete prêmios GRAMMY®, um Globo de Ouro e um Oscar® pelo filme *Purple Rain*. Em 2004, entrou para o Rock and Roll Hall of Fame, no ano em que se tornou elegível. Prince faleceu tragicamente em sua casa, no complexo Paisley Park, em 21 de abril de 2016. Seu legado continua presente nas fortes mensagens de amor de suas músicas e nas inúmeras vidas tocadas pela sua obra.

DAN PIEPENBRING é editor consultivo da revista *The Paris Review* e autor, com Tom O'Neill, do livro *Chaos: Charles Manson, the CIA, and the secret history of the sixties*.

Design da capa: Triboro Studio
Direção de arte: Greg Mollica
Fotografia da capa: Prince Rogers Nelson

A compra deste conteúdo não prevê o atendimento e fornecimento de suporte técnico operacional, instalação ou configuração do sistema de leitor de ebooks. Em alguns casos, e dependendo da plataforma, o suporte poderá ser obtido com o fabricante do equipamento e/ou loja de comércio de ebooks.





**FRAGMENTOS
AUTOBIOGRÁFICOS
THE BEAUTIFUL ONES**



PRINCE

FRAGMENTOS AUTOBIOGRÁFICOS THE BEAUTIFUL ONES

Editado por Dan Piepenbring



Fragmentos Autobiográficos – The Beautiful Ones

Copyright © 2021 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli. ISBN: 978-8-550-81661-6

Translated from original The Beautiful Ones. Copyright © 2019 by NPG Music Publishing LLC. ISBN 978-0-3995-8965-2. This translation is published and sold by permission of Spiegel & Grau, an imprint of Random House, a division of Penguin Random House LLC, New York, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli. Copyright © 2021 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2021 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Gerência Editorial Anderson Vieira	Produção Editorial Editora Alta Books	Equipe de Marketing Livia Carvalho Gabriela Carvalho marketing@altabooks.com.br	Editor de Aquisição José Rugeri j.rugeri@altabooks.com.br
Gerência Comercial Danielle Fonseca	Produtor Editorial Thiéf Alves	Coordenação de Eventos Viviane Paiva eventos@altabooks.com.br	
Equipe Editorial Ism Verçosa Luana Goulart Marta de Lourdes Borges	Illysbelle Tizjano Raquel Perno Rodrigo Dutra Thales Silva	Equipe de Design Larissa Lima Marceli Ferreira Paulo Gomes	Equipe Comercial Daiana Costa Daniel Leal Kaique Luiz Tairone Oliveira Vanessa Leite
Tradução Igor Farias	Revisão Gramatical Hellen Suzuki Thiéf Pol	Revisão Técnica José Oscar Mendonça Latorre Colecionista musical, especialista em pop e rock dos anos 1980	Diagramação Luiza Maria Gomes
Copidesque Carolina Galo			Adaptação para formato e-book Cátia Sodré

Publique seu livro com a Alta Books. Para mais informações envie um e-mail para autoria@altabooks.com.br

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações, fale com projetos@altabooks.com.br

Erratas e arquivos de apoio No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Accesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

Ovideteia: ovideteia@altabooks.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBN

Nome: **Fragmentos Autobiográficos – The Beautiful Ones / Farias, Igor**
Autoridade: **Farias, Igor** - Rio de Janeiro : Alta Books, 2021.
208 p. : il. - 19cm x 27cm.
ISBN 978-8-550-81661-6
1. Autobiografia. 2. Farias, Igor. II. Título.
2020-117 CDD 920
CDU 920
Elaborado por Yagor Rodolfo da Silva - CRB 87403



Rua Vinte e Nove, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.878-051 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8899 / 3278-8429
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
www.facebook.com/altabooks — www.instagram.com/altabooks



Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de Angela Aycok, Meron Bekure, Andrea Bruce, Troy Carter, Mengfei Chen, Nicole Counts, John DeLaney, Phaedra Ellis-Lamkins, Richard Elman, Cecil Flores, Julie Grau, Trevor Guy, Rebecca Holzman, Michael Howe, Chris Jackson, Kirk Johnson, London King, Dan Kirschen, Matthew Martin, Alex Mitchell, Tyka e President Nelson, Esther Newberg, Loren Noveck, Vicky Osterweil, Patricia e Julie Piepenbring, Jennifer Raczak, Bobby “Z” Rivkin, David “Z” Rivkin, Rachel Rokicki, P. J. Scott, Natasha Stagg, Duane Tudahl, Laura Van der Veer, Hayden VanEarden, Andrianna Yeatts, Homa Zarghamee e Peter Bravestrong.

Sobre os Autores

PRINCE ROGERS NELSON é um dos artistas mais populares e influentes de todos os tempos. Conhecido pelo estilo único e por sua versatilidade, Prince teve uma prolífica carreira musical, marcada por uma constante evolução, combinando pop, R&B, hip-hop, jazz e soul. Prince vendeu mais de 100 milhões de discos no mundo todo, um número que o coloca entre os artistas mais bem-sucedidos da história. Ele recebeu sete prêmios GRAMMY®, um Globo de Ouro e um Oscar® pelo filme *Purple Rain*. Em 2004, entrou para o Rock and Roll Hall of Fame, no ano em que se tornou elegível. Prince faleceu tragicamente em sua casa, no complexo Paisley Park, em 21 de abril de 2016. Seu legado continua presente nas fortes mensagens de amor de suas músicas e nas inúmeras vidas tocadas pela sua obra.¹

DAN PIEPENBRING é editor consultivo da revista *The Paris Review* e autor, com Tom O'Neill, do livro *Chaos: Charles Manson, the CIA, and the secret history of the sixties*.

¹ Segundo o empresário Owen Husney, foi Prince quem bolou o conceito da fotografia mais famosa de *For You*, que aparece na capa interna do disco. Ele está sentado nu em uma cama, segurando um violão, com duas colagens de imagens dele de cada lado. Joe Giannetti, de Minneapolis, fotografou Prince em uma vitrine de uma loja Macy's, em São Francisco. Antes da sessão, Giannetti registrou essa versão preliminar na cama de Husney em Minneapolis. (Fotos de © 1986 Joseph Giannetti)

Algumas fotos ao longo do livro foram retiradas por questão de direitos autorais, gerando alguns espaços vazios. Isso também acontece na obra original. Todas as imagens pertencem a © The Prince Estate, exceto quando indicada outra fonte.

INTRODUÇÃO

PARTE I.

THE BEAUTIFUL ONES

PARTE II.

FOR YOU

PARTE III.

CONTROVERSY

PARTE IV.

BABY I'M A STAR

INTRODUÇÃO

MINHA ÚLTIMA CONVERSA COM PRINCE

foi em 17 de abril de 2016, um domingo, quatro dias antes de sua morte. Naquela noite, eu já estava deitado quando o celular vibrou e indicou o código de área 952. Ele nunca havia ligado para aquele número, mas eu o reconheci na hora. Peguei papel e caneta e coloquei o carregador na tomada — a bateria estava quase no fim. Mas, como o cabo tinha só 30cm, era impossível ficar de pé. Naquela última conversa, passei o tempo todo encolhido em um canto do quarto, tomando notas em um bloco apoiado no chão.

“Oi, Dan”, disse ele. “Aqui é o Prince.” Muito já foi escrito sobre o jeito de falar de Prince — um timbre peculiar, cheio e sussurrante, grave e cristalino. Mais do que nunca, esse paradoxo vinha à tona naquela simples apresentação: “Oi, Dan. Aqui é o Prince.” Era sua saudação típica. “Só

queria dizer que estou bem”, falou. “Apesar do que a imprensa anda espalhando. Os jornalistas exageram tudo, você sabe.”

Entendi o que ele quis dizer. No mês em que Prince anunciou que estava escrevendo suas memórias, com a colaboração de seu “irmão Dan”, cheguei a ver noticiado na imprensa que eu era seu irmão de sangue, mesmo sendo 28 anos mais novo e branco. Mas, naquele momento, as notícias tinham outro teor. Alguns dias antes, o avião de Prince fizera um pouso de emergência, pouco depois de decolar de Atlanta, local de sua última apresentação, uma data da turnê intimista batizada por ele de “Piano & A Microphone”. Na ocasião, Prince foi hospitalizado em Moline, no estado de Illinois, para tratar (como divulgado) um caso persistente de gripe.

Poucas horas depois de a notícia sair no site TMZ, Prince, já no complexo Paisley Park (na cidade de Chanhassen, Minnesota), tuitou citando a canção “Controversy” — uma música dele que abre com o verso: “I just can’t believe all the things people say” [É difícil de acreditar em tudo o que essa gente fala, em tradução livre]. Mensagem cifrada: ele estava bem. Até foi visto andando de bicicleta por alguns moradores de Chanhassen. Na noite anterior a nossa conversa, deu uma festa em seu estúdio particular e aproveitou para mostrar uma nova guitarra e um piano, ambos roxos. “Sempre esperem alguns dias, economizem as preces”, disse aos presentes.

“Fiquei preocupado, mas vi no Twitter que você estava bem”, falei. “Gripe é uma doença complicada.”

“Tive sintomas de gripe”, disse ele — refleti muito sobre esse comentário nos meses seguintes. “Minha voz ficou áspera.” Ainda estava assim, como se ele estivesse se recuperando de um resfriado intenso. Mas Prince não queria esticar demais o assunto. Havia ligado para tratar do livro.

“Tenho uma pergunta: você acredita em memória celular?” Era a ideia de que o corpo herda as memórias dos pais — uma experiência hereditária. “Pensei nisso lendo a Bíblia”, explicou. “Os pecados do pai. Isso seria possível sem memória celular?”

O conceito também se relacionava à sua vida. “Meu pai teve duas famílias. Fui seu segundo filho, e ele queria ser um pai melhor para mim do que tinha sido para meu irmão. Por isso, era muito metódico, mas minha mãe não gostava disso. Ela era mais espontânea, animada.”

Prince queria explicar sua origem a partir da síntese dos seus pais. O conflito que havia entre eles continuava dentro dele. Naquelas brigas, ele ouvia uma estranha harmonia que o inspirava a criar. Ele falava sobre sua mãe e seu pai com grande fascínio e lucidez, destacando que ele era a personificação daqueles momentos de união e desunião do casal.

“Um dos maiores dilemas da minha vida é lidar com isso”, disse ele; sentado no chão, eu tomava nota de tudo. “Gosto de ordem, finalidade e verdade. Mas, em um jantar chique, ou outro evento desse tipo, quando o DJ toca um som cheio de funk...”

“Você tem que dançar”, falei.

“Isso. Presta atenção nesse som.” Prince colocou o telefone perto de um monitor de estúdio e tocou um trecho que soava vigoroso, imponente

e bruto, como as músicas que rolavam nas festas privadas de décadas atrás. “Cheio de funk, certo? É do novo disco da Judith Hill. Estou ouvindo pela primeira vez agora.”

Ele fez uma pausa. “Temos que encontrar a palavra”, disse ele. “Para definir o funk.”

A BUSCA PELA PALAVRA

não saía da cabeça de Prince na época. Os shows da turnê Piano & A Microphone eram pontuados por reflexões sobre os fundamentos do funk. “O espaço entre as notas — essa é a parte boa”¹, dizia ele. “Um intervalo longo ou curto, é aí que mora o funk. Ou não.” Desenvolver essas ideias foi um dos motivos que o instigaram a escrever um livro.

Prince já havia publicado vários livros de fotos e flertado com a escrita em diversos pontos da carreira, mas a gênese desse projeto se deu no final de 2014, quando sua empresária e advogada Phaedra Ellis-Lamkin estava à procura de um agente literário para ele. Prince escolheu Esther Newberg, da agência ICM Partners. Ela representava seu amigo Harry Belafonte e tinha uma sensibilidade da velha guarda bem interessante para ele, que via nela uma matriarca em uma indústria patriarcal. No início de 2015, Prince aprovou um projeto de livro com suas letras, com introdução e anotações dele. Newberg e seu colega Dan Kirschen apresentaram a proposta para editores muito receptivos, mas a equipe de Prince não fechou nenhum contrato; na maior parte de 2015, seu foco foi a música.

Na segunda quinzena de novembro, Prince voltou ao livro, cheio de entusiasmo. “Ele quer acelerar o projeto”, escreveu Ellis-Lamkins a Newberg. Colaborando com Trevor Guy, um assessor de negócios, Prince, Esther e Dan ampliaram o escopo nebuloso do livro. E se, além de letras anotadas, a obra trouxesse rascunhos, fotos e outros materiais inéditos? A palavra memórias ainda não estava em jogo, mas Prince queria tocar o projeto o quanto antes. Trevor sugeriu convidar um grupo de editores ao Paisley Park.

O livro coincidiu com uma virada na produção musical de Prince. Depois de três anos viajando pelo mundo com sua fantástica banda 3RDEYEGIRL, ele havia optado por sair sozinho em turnê, acompanhado

apenas por um piano. Intimista e versátil, o repertório retratava sua carreira sem as restrições e a pirotecnia dos shows de arena. A um grupo de jornalistas europeus de passagem por Paisley Park, Prince disse que gostava da sensação de subir ao palco sem nenhum artifício, reduzindo suas canções aos componentes essenciais para recriar as obras ao vivo. Ele estava ensaiando noite adentro, tocando sozinho por horas a fio, com o som do piano preenchendo a imensa escuridão do estúdio até encontrar algo que descrevia como “transcendência”². Era isso que ele queria compartilhar.

Prince tinha shows marcados na Europa quando os terroristas atacaram o Bataclan, uma casa de espetáculos de Paris onde ele já tocara três vezes. Diante da violência e dos altos preços praticados pelos revendedores de ingressos, resolveu cancelar a turnê. Por que não fazer os shows no Paisley Park? Jogando em casa, ele montaria a produção a um valor mais adequado.

À medida que a visão de Prince para a turnê Piano & A Microphone ficava mais clara, o livro também começava a se definir. Segundo um amigo, várias pessoas queridas e admiradas por ele estavam com problemas de saúde, o que lembrava Prince da sua mortalidade. Mais do que nunca, ele percebia a importância de contar sua história. Em 11 de janeiro de 2016, poucas semanas antes do primeiro show solo, ele convidou três editores para uma reunião no Paisley Park a fim de explicar seus projetos e optar por uma editora. Um encontro com vários editores concorrentes era um evento incomum. Além disso, havia muitos boatos: Prince não se irritava com as perguntas sobre seu passado? Como ele trataria quem falasse palavrão? Expulsaria ou cobraria uma multa para a caixinha? Era verdade que ninguém podia olhá-lo nos olhos?

Logo que Prince chegou, toda a apreensão desapareceu. Ele foi envolvente, focado e até fez comentários pessoais (“Gosto de divagar às vezes”, disse). Por duas horas, ele conduziu um debate descontraído sobre seu passado, sua filosofia musical e seus objetivos para o livro. Ele foi direto: queria escrever suas memórias — uma decisão tão recente que até Trevor, que participava da reunião, ficou surpreso. O título seria *The Beautiful Ones*, uma das músicas mais fortes e tocantes de sua carreira.

O foco da narrativa ficaria sobre sua mãe, que fora “a primeira pessoa em que ele reparou” e que nunca recebera o devido crédito pelo papel em seu sucesso. Prince mostrou vários objetos aos editores. Ele havia pedido que Tyka, sua irmã, mandasse fotos antigas da família, com muitas imagens dos seus pais, e uma árvore genealógica. Prince também apresentou o material original criado para a capa do disco 1999, uma colagem em mosaico representando uma cabine telefônica, uma paisagem urbana futurista e uma mulher nua com uma cabeça de cavalo. Além disso, os presentes viram a primeira versão do roteiro de *Dreams*, que deu origem ao filme *Purple Rain*.

Um dos editores perguntou o que ele pensava sobre o processo de composição. Para Prince, era uma questão de projeção. No material, o autor traça seus novos caminhos. Desde o início, ele escrevia músicas para imaginar — e reimaginar — novas versões de si mesmo. O artista estava em uma evolução constante e mantinha um tipo de simbiose com as

pessoas e coisas ao seu redor durante o processo de composição. Sua persona fora criada quase como uma profecia: Prince tinha o poder de se tornar a pessoa que imaginava. Sua vida inteira foi um ato de imaginar, criar e ser. Hoje, construir uma persona é um item irrelevante para o estrelato; para Prince, esse fator era indissociável da sua identidade como artista.

Bem cedo, ele reconheceu o mistério inerente a esse processo e o poder de preservar ou mesmo de obscurecer esse mistério.

“Mistério é uma palavra por um motivo”, falou. “Ele tem um propósito.” Para Prince, o livro certo adicionaria novas camadas a seu mistério, mesmo se eliminasse algumas. A obra seria uma autobiografia, mas teria uma forma sui generis, tão abrangente e versátil quanto o autor. Como nunca fugia de grandes promessas, Prince sugeriu apenas uma orientação formal: aquele devia ser o maior livro de música de todos os tempos.

A reunião não teve uma conclusão oficial. Em dado momento, depois de contar uma piada, Prince se levantou e foi embora, rindo alto. Ele voltou à sala após dez minutos, sem dizer nada sobre sua ausência. Pouco depois, anunciou que estava na hora do jantar e desapareceu novamente. Os editores ficaram animados — um jantar com Prince! — até perceberem que não haviam sido convidados e que ele não voltaria.

POUCO DEPOIS DESSA REUNIÃO,

Prince fez o primeiro show da turnê Piano & A Microphone no complexo Paisley Park, apresentando as ideias que explicara meses antes. A performance incorporava narrativa e reflexão em um repertório que incluía desde canções do seu primeiro álbum (For You) até o mais recente (HITnRUN Phase Two). Suas intervenções faladas sugeriam o que se passava em sua cabeça na época. Ele estava processando seu passado. Só quando vi a gravação, mais de um ano depois, percebi a ligação do show com as ideias dele para The Beautiful Ones.

Naquela noite, assim que se sentou ao piano, Prince iniciou uma regressão, seguindo o fluxo da sua consciência. Ele voltou a ser criança, compartilhando suas primeiras lembranças musicais. “Queria saber tocar piano”, disse à plateia, em tom infantil. “Mas não sei. Tudo parece diferente. Três anos — o piano é grande demais para mim. Hmm. Talvez seja melhor assistir à TV.” Ele então pulou sobre o piano e simulou que estava comendo pipoca em frente à televisão.

“Papai está vindo. Não posso tocar no piano, mas quero tanto tocar. Papai está indo embora. Ele e a Mamãe estão se divorciando.” Em seguida, Prince colocou uma segunda pessoa em cena, como se o pai dele estivesse no local. “Na verdade, estou muito feliz com a partida dele. Tinha só sete anos. Agora posso tocar piano à hora que quiser.” Prince executou alguns compassos do tema original do seriado Batman.

“Não consigo tocar piano como o Papai”, disse ele. “Como ele faz isso? Sabe o que mais... Também quero cantar.” Ele acrescentou: “Achava que nunca tocaria como meu pai, e ele sempre me lembrava disso. Mas nossa relação era boa. Ele era meu melhor amigo.” Os dois se revezavam tocando “Unchain My Heart”, de Ray Charles.

Antes do show, ninguém teria imaginado um comentário tão direto de Prince no palco. Naquela noite, ele tocou “Sometimes I Feel Like a Motherless Child”, um spiritual tradicional que também era, a seu modo, uma expressão de saudade pelo mundo perdido dos seus pais. Na letra, ele dizia que estava “muito longe de casa. Às vezes, sinto que tudo está acabando”.

Mas a expressão de melancolia mais escancarada veio depois. “Vocês têm sonhos lúcidos?”, perguntou ao público. “Gosto mais de sonhar agora do que antes. Alguns amigos já se foram, e os vejo nos sonhos. Sinto como se estivessem aqui; em alguns sonhos, parece que estou acordado.”

Há algo nessas falas, uma combinação de paz e inquietude, que me entristece. Agora é fácil entender esses comentários, mas eles soam como pensamentos de um homem encantado pela serena Morte, para citar Keats. Depois, ele cantou o primeiro verso de “Sometimes It Snows in April”, uma de suas canções mais desoladoras. “Tracy died soon after a long-fought civil war...” [Tracy morreu pouco depois de uma longa guerra civil...]

POUCOS DIAS

DEPOIS

do seu primeiro show solo — sem dúvida, a apresentação mais tocante de sua carreira —, Prince escolheu um editor para o seu livro: Chris Jackson, da Spiegel & Grau, um selo da Random House. Ele apreciava seu trabalho no livro de Jay-Z, *Decoded*. Sem perder tempo, convocou Chris, Trevor, Esther (da ICM) e Dan para ajudá-lo a encontrar um coautor. Sua empresária Julia Ramadan já havia dito: “Quando escrever a história da sua vida, não deixe outra pessoa segurar a caneta.”³ Agora, pelo visto, Prince estava disposto a fazer isso. Ninguém, talvez nem ele, sabia ao certo como seria o processo.

Foi nesse ponto que me envolvi no projeto. Meu agente, Dan Kirschen, sabia da minha admiração por Prince há muitos anos. Ele vira o pôster no meu quarto, presenciara minha versão de “Kiss” em um karaokê e assistira aos clipes do filme *Sign o’ the Times* que eu havia mostrado. Mesmo assim, quando Dan mencionou que tinha sido agraciado com a missão de procurar um coautor, acho que não estava preparado para uma sessão tão abjeta de súplicas por uma chance. Ele topou me colocar na lista, mas foi curto e grosso: a probabilidade de eu conseguir o trabalho estava entre a de ganhar na loteria e a de sobreviver a um meteoro. Primeiro, até então, eu havia publicado zero livros. Na época, eu editava a *Paris Review* e não sabia se Prince já havia lido ou mesmo ouvido falar dessa revista literária — sem dúvida, seu álbum menos vendido tinha um público maior do que a *Review*. Além disso, eu tinha 29 anos. Os outros candidatos ao projeto eram mais experientes, e alguns tinham mais anos como fãs de Prince do que eu tinha de vida. Isso tudo fazia de mim o azarão absoluto.

Mas, quando a ICM e a Random House apresentaram vários candidatos de alto nível, Prince rejeitou todos. Ele costumava ler resenhas amadoras dos seus shows, principalmente os textos mais inflamados que os fãs postavam no Twitter ou em blogs. Para ele, esse era o tipo de pessoa que merecia o trabalho. Apesar da inexperiência, ele podia inspirar esses autores e, em troca, ser inspirado.

Segundo um assessor, Prince abordava o processo de escrita por um ângulo musical: ele queria um parceiro de improvisação, alguém com quem pudesse se abrir e organizar sua história como uma música ou álbum. Se houvesse essa ligação, ele preferia um novato dedicado a um veterano. Claro, os editores se recusariam a contratar um adolescente fanático por Prince se o currículo dele só tivesse uma resenha de show publicada em um blog. Fiel a seus princípios, ele devolveu a lista de possíveis coautores com todos os nomes riscados, menos dois; entre eles, o meu. Eram os únicos autores que nunca haviam publicado livros.

Dan disse que Prince estava com meu número agora. Uma ligação chegaria a qualquer momento do dia ou da noite. Comecei a dormir com o

*image
not
available*

amigos faziam. Prince estava falando sério, até mesmo de um jeito sisudo. Tentei fazer uma piada sobre algumas músicas serem delitos menores e outras, crimes capitais. Ele não moveu nenhum músculo facial.

Ok. Foi um balde de água fria logo no início. Atrás daquele semblante de esfinge, eu sentia sua desconfiança. Tentei me acalmar fazendo o máximo possível de contato visual. Embora a pele do seu rosto fosse suave e brilhante, seus olhos traíam sinais de cansaço. Ia e vinha, mas estava lá: um desânimo, uma inquietação passageira.

Continuei lendo. Para meu alívio, diferentemente das primeiras linhas, ele foi mais receptivo ao resto do texto. Conversamos bastante sobre vocabulário. Prince tinha ideias muito precisas sobre as palavras que estavam dentro da sua esfera ou não. “Certas palavras não me descrevem”, disse ele. Alguns termos que circulavam no mundo dos críticos brancos revelavam uma total falta de conhecimento sobre ele. Na verdade, todos os livros sobre ele estavam errados, porque empregavam esses termos. Alchemy era um deles. Quando os autores atribuíam a mística da alquimia à música dele, ignoravam o significado literal da palavra, a arte oculta de transformar metal em ouro. Ele nunca faria algo desse tipo. Seu objeto era a harmonia.

Ele dedicava uma cólera especial à palavra mágica. E eu tinha escrito algo do gênero no texto.

“O funk é o oposto da mágica”, disse ele. “A essência do funk está nas regras.” Era humano, resultado de trabalho e suor — nada de mágica.

Ele disse que gostara de “algumas coisas” que eu havia escrito: suas origens, a necessidade de corrigir a narrativa, encontrar uma voz, preservar o mistério. Agora, ele queria saber do processo. O que havia em comum entre escrever um livro e produzir um álbum? Percebi que seu objetivo era aprender: aplicar a mesma diligência, habilidade e técnica que empregara para dominar um monte de instrumentos. Prince queria conhecer as regras para saber o momento de transgredi-las.

Nesse ponto, o clima da conversa, que durou cerca de 90 minutos, ficou mais leve e começamos a nos divertir. Os papos com Prince, como eu estava percebendo, eram fluxos discursivos. Os assuntos vinham à tona, submergiam após um ou dois minutos e voltavam à superfície cinco minutos depois. Invariavelmente, falávamos sobre alguns tópicos: Deus, amor, a questão racial nos Estados Unidos, a ambiguidade da indústria musical, a natureza fugaz da criatividade, tecnologia e passado.

Ele disse que não queria mais mexer com música nem gravar discos. “Não suporto mais tocar guitarra; no momento é assim. Gosto de piano, mas odeio até pensar em tocar guitarra.” O que ele realmente queria fazer era escrever. “Quero escrever muitos livros. Está tudo aqui”, disse ele, apontando para a tábua. Por isso, Prince queria conversar com autores e trabalhar com uma editora. “Quero que o meu primeiro livro seja melhor que o meu primeiro álbum. Gosto do meu primeiro disco, mas...” Ele fez uma pausa. “Sou muito mais inteligente agora.”

Na verdade, ele tinha tantas ideias para o primeiro livro que não sabia nem por onde começar. Uma possibilidade era descrever cenas da infância e alterná-las com momentos mais atuais. Outra opção consistia em escrever uma obra inteira sobre a dinâmica interna da indústria musical.

*image
not
available*

com um diálogo tenso, mas evoluíra para algo agradável e flexível. Foi o tipo de conversa que se esticaria pela noite toda, abordando vários temas em flashes. Foi uma entrevista no sentido mais puro da palavra, uma troca de ideias. A conversa já durava mais de uma hora quando ele fez uma pequena pausa.

“Você sabe que horas são?”, perguntou.

A essa altura, o clima na sala estava tão magnético que imaginei que a pergunta fosse retórica. Não era. Ele realmente queria saber o horário. Chequei meu telefone e lhe disse. O show estava prestes a começar no estúdio — era hora de encerrar a reunião. Ele desapareceu por um momento para ligar para a motorista, que, aparentemente, já estava esperando.

“Tudo bem”, disse ele, quando voltou. “Eu mesmo vou te levar.”

Saímos da sala de conferências e entramos no elevador em que, menos de três meses depois, ele seria encontrado morto. Naquele momento, isso era impossível de imaginar. Animado, gingando na ponta dos pés, ele continuava expressando seu desejo de escrever muitos livros enquanto apertava o botão do térreo. “Você me empolgou com esse papo sobre a indústria”, disse ele. “Mas ainda estou pensando em escrever sobre a minha mãe.”

O elevador se abriu para um porão mal iluminado. Mal tive tempo de ler a palavra Vault pintada ao lado de uma porta, pois Prince logo me conduziu até a garagem. Ele caminhava a passos bruscos rumo a um Lincoln MKT preto, mas pelo caminho vi várias motocicletas e carros, incluindo uma limusine e um possível Cadillac dourado.

Ao subir no banco do passageiro, notei um monte de notas de 20 dólares soltas no porta-copos. Prince abriu o portão eletrônico da garagem e saímos para o estacionamento principal de Paisley, agora bem mais cheio do que na minha chegada. “Parece que estão começando a aparecer”, disse ele, como se espiasse por uma fresta nas cortinas, pouco antes do show. Achei que ele estava bem animado; parecia que a sensação de organizar um evento não tinha perdido a intensidade com o tempo. Havia algumas pessoas no estacionamento, mas ninguém percebeu que Prince estava passando por lá; não houve gestos nem acenos.

Ao sair de Paisley, ele pisou fundo e retomou suas meditações sobre a distribuição: quem controla a propriedade intelectual e quem ganha dinheiro com isso. “Diga a Esther [Newberg, da ICM] e à Random House que eu quero ser dono do meu livro. Você e eu vamos ser proprietários, levaremos a obra para todos os canais de distribuição.” Para ele, só precisávamos da interferência deles no processo editorial até certo ponto. Era necessário ter um processo baseado na confiança e na responsabilidade entre os autores. “Você não conta o meu dinheiro; eu não conto o seu.”

“Seja qual for a sua decisão, sempre que você quiser falar sobre suas ideias, ficarei feliz em ouvir e colaborar”, falei.

“Gostei do seu estilo”, disse ele. “Você só precisa avaliar se eu usaria cada palavra. Por exemplo, eu nunca usaria mágica. Mágica é a palavra de Michael”, disse ele. (Michael era Michael Jackson, a quem Prince só se referia pelo primeiro nome.) “Essa é a essência da música dele.”

*image
not
available*

anunciando novos planos. Ocorreria uma festa em Paisley e, depois, a exibição de um filme. Ela ficou de passar para me pegar.

Como vi depois, a festa era só para funcionários: Meron, Trevor, dois membros do 3RDEYEGIRL e dois músicos do projeto mais recente de Prince, o baixista MonoNeon e o saxofonista Adrian Crutchfield. Em um pequeno tablado, cercado por sofás e velas, estava a DJ Kiss, que havia operado as pickups no show da noite anterior; ela estava tocando discos para apenas sete pessoas em uma sala de teto alto ao lado do estúdio. Havia uma elaborada mesa de frutas no local. Na parede, um mural com jazzistas negros da era do disco The Rainbow Children; no chão, um enorme tapete preto com o símbolo do site NPG Music Club; às vezes, tropeçávamos em uma das letras que já estavam se desfazendo. Um grande símbolo ♁ prateado pairava, suspenso no teto. No parapeito da escada, havia uma grade de ventilação de um carro antigo, a mesma que aparece na capa do disco Sign o' the Times. E, mais impressionante, duas enormes telas de projeção exibiam o filme Barbarella continuamente. Versões gêmeas de Jane Fonda, com 10m de altura, desfilavam por um planeta distante em apertados trajes futuristas.

Circulavam boatos de que Prince talvez viesse para a pista de dança, por assim dizer, mas ele não apareceu. Na verdade, foi Meron quem deu uma saidinha e voltou trazendo nossos casacos, anunciando que estava na hora do filme.

“Pensei que o filme era esse”, disse eu, apontando para uma das Jane Fondas que estavam se contorcendo.

“Ah, não!”, disse ela. “Vamos ver Kung Fu Panda 3.”

Ao que tudo indicava, Prince promovia regularmente sessões fechadas em horários alternativos no Chanhassen Cinema, que ficava nas proximidades. Fomos até dois carros e encontramos um solitário atendente no estacionamento vazio, pronto para abrir a porta.

Prince chegou logo depois do início do filme e se sentou na última fila.

“Meron”, perguntou ele, “será que tem pipoca?”. Ela saiu para buscar. Vimos o panda animado comer muitos bolinhos e banir os malfeitores para o Reino dos Espíritos. Ouvi algumas risadas de Prince. Enquanto os créditos rolavam, ele se levantou sem dizer nada, desceu as escadas e saiu do cinema; seus tênis emitiam um laser vermelho na escuridão.

MUITOS ASSISTENTES

*image
not
available*

pai de que mais gostava, da forma como seus pais competiam em questões de vestimenta. Evocava seu primeiro beijo, brincando de casinha com uma vizinha. Descrevia as crises de epilepsia da infância. Pensei que ele evitaria detalhes mais explícitos — como havia parado de tocar os hits mais pesados —, mas seu desenvolvimento sexual recebia muito destaque. Seus primeiros amassos com uma garota; seu primeiro filme para adultos; uma namorada que fechou seu armário na escola com um baque (“como em um filme de John Hughes”), segurou um visco sobre a sua cabeça e lhe deu um beijo; estava tudo lá, intercalado com sua filosofia musical. “A boa balada é aquela que te deixa no clima para fazer amor”, escreveu ele.

Anotei algumas perguntas e elogios no bloco, pegando leve no tom — um sermão podia me mandar de volta para os EUA mais cedo. Depois que terminei de ler, Kirk me acompanhou de volta ao meu quarto e disse que Peter Bravestrong estava esperando minha ligação.

“E aí, o que você achou?”, perguntou Prince ao atender.

“O texto é bom. Sinceramente, ele é muito bom. Não estou dizendo isso só para massagear seu ego.”

“Essa é uma missão quase impossível”, disse ele, rindo.

Abordamos alguns pontos que eu não havia compreendido e que ele podia contextualizar melhor para o leitor. Prince pediu minha orientação para elaborar melhor o contexto e organizar a sequência dos eventos descritos.

“Da perspectiva do compositor, alguns detalhes não parecem relevantes”, explicou ele. Prince também receava que certos trechos incomodassem alguns leitores, especialmente um sobre a religião excessiva da sua tia. “Pode ficar — qual é a palavra? — controverso. Talvez seja bom gerar controvérsias, não sei.”

Confirmei que isso, sem sombra de dúvida, era bom — afinal, ele até já tinha escrito uma canção chamada “Controversy”. Pensei no tempo que ele levava para escrever o texto. Prince só havia fechado com um editor, um coautor e um conceito no mês anterior. O contrato ainda nem fora assinado. Mas o texto, já bastante polido, parecia ter surgido da noite para o dia. Um tempo depois, uma amiga me diria que Prince ficou tão animado que leu trechos para ela por telefone.

“Que tal você ligar para a Random House?”, disse ele. “Diga que precisamos de dinheiro para divulgar e começar a pré-venda — isso vai acelerar as coisas. Já estou me empolgando com isso.” Eu também estava. Sua apatia do dia anterior havia se dissipado totalmente.

“Em todo caso, obrigado por ter vindo”, disse ele.

“Ah, tudo bem”, falei automaticamente. Não pedi para Prince explicar por que eu pegara um voo de 23 horas só para ter uma reunião por telefone com ele.

Felizmente, mais surpresas me aguardavam. Naquela noite, voltei ao State Theatre para o segundo show da turnê Piano & A Microphone. Atento ao formato, Prince mudou o set list e incluiu novas histórias na apresentação. Ele lembrou o fascínio que sentia ao ver a mão direita do seu pai tocando piano — do seu desejo angustiante de reproduzir isso — e da vida interior cultivada desde a infância, em contraponto ao ritmo de North Minneapolis. Nas intermináveis manhãs de domingo, ele tinha que

*image
not
available*

Beautiful Ones), que passava a indicar uma comunidade de criadores — a canção trazia os versos: “Paint a perfect picture/bring to life a vision in one’s mind...” [Pinte uma imagem perfeita/dê vida à visão em sua mente...] Bem, desconsidere o verso seguinte: Always smash the picture [Sempre destrua a imagem].

“Preserve o que você faz”, disse Prince, mais de uma vez. “Fiquei em Minneapolis porque foi Minneapolis que me criou. Você tem que retribuir. Meu pai veio para Minneapolis de Cotton Valley, na Louisiana. Ele teve que aprender a gestão de recursos nas condições mais adversas. É disso que fala ‘Black Muse’: como prosperar nos bairros centrais”, disse ele, referindo-se à canção do seu último álbum, HITnRUN Phase Two. “Como impedir a desapropriação.”

Ele queria que os leitores soubessem da Black Wall Street, uma iniciativa da comunidade negra que surgiu em Tulsa, no estado de Oklahoma, no início do século XX. Após a Guerra Civil, os negros libertos se concentraram na próspera Tulsa e compraram terras lá. Com a pressão da política de segregação, eles acabaram confluindo para o bairro de Greenwood, onde, com talento e recursos, fundaram uma comunidade bem-sucedida. Em pouco tempo, Greenwood passou a abrigar centenas de empresas cujos donos eram negros, além de quase 20 igrejas, uma escola e uma biblioteca pública. Esse foi um dos primeiros e mais importantes exemplos de prosperidade negra nos Estados Unidos. “É incrível”, disse Prince. “A acumulação de riqueza. Adoro ler sobre a Guerra Civil e essa acumulação, quando o Sul ficou mais rico do que a Grã-Bretanha.” Então, ocorreu o massacre racial de Tulsa, em 1921: após acusações de que um garoto negro havia estuprado uma garota branca, milhares de brancos armados e cheios de ódio jogaram querosene em Greenwood e incendiaram seus quarteirões, saqueando o bairro inteiro. Centenas morreram; milhares perderam suas casas. A Black Wall Street foi dizimada.

“Você já leu A Nascente?”, perguntou. “O que achou?” Eu disse que não havia gostado — não tinha paciência para o objetivismo de Ayn Rand nem para os adeptos contemporâneos da teoria, com sua devoção pitoresca ao livre mercado e a um individualismo absoluto. Prince concordou, embora reconhecesse o poder de atração dessa filosofia. “Assisti ao filme, antigo, em preto e branco. No final, o personagem fala sobre queimar o prédio e as plantas.” Esse era um momento crucial da filosofia randiana: “Nenhum trabalho é coletivo”, zomba o personagem Howard Roark. Prince estava apreensivo com o fato de o hip-hop estar sendo influenciado por ideias como as de Rand, que celebravam um egoísmo cruel em detrimento do espírito de comunidade.

“O livro tem que falar com os aristocratas”, disse ele. “Não só com os fãs. Vamos desmontar, tijolo por tijolo, A Nascente, a Bíblia do aristocrata. É um emaranhado de problemas. Basicamente, seu objetivo é eliminar o paraíso. E a supremacia branca? O que isso tem em comum com o objetivismo? É satânica? Promove o bem maior? Temos que atacar a noção de supremacia como um todo.” Para ele, a pureza do significado original da palavra havia sido deturpada. “Havia bandas chamadas Supremes! A supremacia parte da ideia de que tudo floresce, tudo cresce.”

*image
not
available*

“Estamos começando pelo início, pela primeira lembrança, e espero ir até o Super Bowl”, disse ele. Isso era novidade para mim — ainda não havíamos conversado sobre o Super Bowl. “Estamos avançando o mais rápido possível. O título provisório é The Beautiful Ones.” Os refletores emitiam uma luz muito intensa; ele pegou um par de óculos de sol esféricos que lembravam os olhos de um aracnídeo. “Agora está melhor”, disse ele, ajustando as lentes. “Eu acabei de sair do avião. Vou para casa vestir roupas de dança. Obrigado ao meu irmão Harry Belafonte.”

Ele saiu de cena, e a música recomeçou a tocar. Fiquei lá, atordoado, e não reconheci, pelo menos, três pessoas com quem já havia falado várias vezes. Agora era pra valer — ele havia dito; imaginei que logo iríamos para algum lugar a fim de executar a tarefa complexa e caótica de colocar a vida dele no papel.

Pouco tempo depois, Prince voltou e iniciou a apresentação. A base do show de 45 minutos foi, no jargão dos aficionados por Prince, “o set dos samples”, uma sequência instrumental dos seus maiores hits acompanhados por sua voz ao vivo. Todo mundo começou a dançar; meu ânimo foi para as alturas. As músicas eram pontuadas por comentários bem ao estilo de Prince, como: “Queremos agradecer à Random House. Esse funk não tem nada de aleatório!” e “Verifique sua caixa de entrada. Talvez tenha um pouco de funk lá dentro”. Ainda ouço sua voz quando checo meus e-mails. São escassos os dias em que encontro algum funk.

NO OUTRO DIA,

enquanto as notícias do livro se espalhavam pela internet, Kirk me convidou para ir junto com ele, Meron e Prince a The Groove, uma boate no West Village. A banda Li'nard's Many Moods, liderada pelo genial baixista Li'nard Jackson, tocava lá. Marcamos de nos encontrar por volta da meia-noite. A equipe de segurança de Prince havia reservado uma mesa com bancos estofados nos fundos, mas de frente para o palco e fora da vista da pista de dança, para que Prince — que chegaria com a cabeça coberta pela jaqueta, entre Kirk e Meron — ficasse incógnito. Ele se sentou ao meu lado e se aproximou bastante do meu ouvido para falar. Pensei na quantidade de conversas que ele já havia tido em locais com música alta.

“Você já recebeu?”, perguntou ele.

“Não”, disse eu.

“Nem eu.”

Fiquei confuso — o contrato nem havia sido assinado ainda. Mas este não era um dos pilares da filosofia contratual de Prince? O artista sempre deve ser pago, e a empresa sempre deve pagar. A essa altura, o lema soava

*image
not
available*

que “gostava mais de dormir hoje em dia”, sugerindo que ele já havia feito tudo o que viera fazer na Terra; a vida real era “incrivelmente chata”. Fiquei angustiado quando li essas palavras, pois contrariavam todas as nossas conversas. Mas lembrei que Prince havia dito basicamente isso no primeiro show da turnê Piano & A Microphone: “Gosto mais de sonhar agora do que antes. Alguns amigos já se foram, e eu os vejo nos sonhos. Sinto como se eles estivessem aqui; em alguns sonhos, parece que estou acordado.” No novo contexto, eu achava insuportável o que antes achara belo.

Não havia nenhuma falsidade na maneira como ele falava comigo; também não havia nenhuma falsidade na maneira como falava nos seus momentos mais sombrios. Não gosto menos dele por ter se sentido fraco, esgotado, por ter escondido sua dor, por ter me dito que estava bem quando não estava. Ele vivia pelas regras dele. Exigir outra coisa dele seria exigir mágica: com razão, a palavra de que Prince menos gostava.

COMO PRINCE MORRERA

sem deixar testamento, um juiz do condado de Carver nomeou um administrador especial (o Bremer Trust) para controlar seu patrimônio. Prince tinha uma conta bancária no Bremer havia muitos anos; a sede do banco ficava em St. Paul. Uma das prioridades mais urgentes, diante do valor considerável dos impostos incidentes sobre o patrimônio, era monetizar os ativos de Prince da melhor forma possível. Por acaso, o livro fora um dos últimos projetos formalizados por contrato. Sabendo disso, os representantes do Bremer entraram em contato com a Random House: o livro ainda era possível? Em uma inspeção preliminar em Paisley, eles haviam se deparado com um tesouro de fotos, papéis e outros materiais inéditos. Que tal voar até lá e dar uma olhada nisso?

Foi o que fizemos. No final de junho, viajei para Chanhassen com Chris Jackson, Dan Kirschen e Julie Grau, editora da Spiegel & Grau. Embora a polícia local e os agentes do DEA tivessem removido alguns itens relevantes para as investigações, Paisley estava exatamente como Prince havia deixado, e a aura dele pairava por toda parte. Em Melbourne, ele me dera as primeiras dez páginas das suas memórias — eu esperava que o resto do texto estivesse em Paisley, com mais páginas.

*image
not
available*

pela primeira vez (com o hit “Little Red Corvette”) e estava determinado a produzir um filme grandioso, uma aposta bem alta, envolvendo drama, música e comédia. Essa história retoma a questão dos seus pais, figuras essenciais ao seu estado psicológico nesse momento. *Purple Rain* era de Prince: era parte integrante e resultado do seu DNA. Ao ler essas primeiras ideias, vemos como sua genialidade surgiu do conflito entre a mãe e o pai — “um dos maiores dilemas da minha vida”, como ele me disse —, uma fonte de criatividade a que ele recorreu muitas vezes.

Todos que conheciam Prince sabem que nunca era uma boa ideia supor como ele se sentiria em relação a algo. Mas, como ele concebeu este livro como um projeto colaborativo, acredito que esta é a forma mais fiel e verdadeira de concretizar o trabalho que iniciamos naqueles três meses agitados de 2016. Esta obra incita o leitor a preencher as lacunas, a imaginar um caminho pelo terreno incógnito. Se o livro trouxer mais perguntas do que respostas, ótimo — Prince nunca quis dissipar o véu de mistério ao seu redor.

Pelo resto da vida, o livro que Prince e eu poderíamos ter escrito não sairá da minha cabeça. Estas páginas são apenas uma amostra das possibilidades — este livro é, por definição, tanto uma expressão de tristeza quanto uma celebração da vida. Mas espero que ele cumpra a missão estabelecida por Prince: ser “o manual da comunidade brilhante: parte autobiografia, parte biografia”, um livro que combine nossas vozes para contar uma história, a história dele, com um propósito.

A essa altura, o leitor já deve saber qual é esse propósito. Espero que você esteja disposto a mergulhar nele de cabeça. “Tente criar”, Prince me disse naquele dia em Melbourne. “Quero incentivar as pessoas a criarem. Comece criando seu dia. Depois, crie sua vida.”

— Dan Piepenbring

1 Essa não era a primeira vez que Prince refletia sobre a dinâmica do funk. Em um caderno do final dos anos 1970, ele dedicou uma versalhada ao assunto: “Words to fun by: ‘To tap or not to tap/That is the question/Whether ’tis funkier on the three/than the one is to suffer the/slings and arrows of unsyncopated misfortune.’ Willyum Shakespere” [“Palavras para alegrar: ‘Suingar ou não suingar/Eis a questão/Se o funk é maior no três/quem for no um sofrerá/as agruras e vicissitudes da falta de suingue.’ Willyum Shakespere”].

2 Prince atingia a “zona” depois de passar várias horas tocando piano; parecia uma “projeção da consciência”, como se ele assistisse a si mesmo da plateia. Veja Alexis Petridis, “Prince: ‘Transcendence. That’s What You Want. When That Happens—Oh, Boy’”, *The Guardian*, 12 de novembro de 2015.

3 “Isso daria uma boa letra de música”, disse Prince, depois de citar o comentário de Julia Ramadan. Veja Jon Bream, “A Night with Prince: ‘This Is Real Time’”, Minneapolis, *Star Tribune*, 19 de maio de 2013.

4 “Vault” era uma sala cofre com gravações, registros e arquivos de áudio e vídeo inéditos. Sobras de sessões de álbuns, gravações de shows, ensaios e passagens de som de toda a carreira do Prince.

5 Em 1999, Stefani cantou em “So Far, So Pleased”, de Prince; depois, ele coproduziu e coescreveu “Waiting Room”, do No Doubt. Veja Candice Rainey, “The All-Star: Gwen Stefani”, *Elle*, 4 de maio de 2011.

*image
not
available*

matter of fact
My father always out dressed my Mother,
Maybe there was a secret contest going on that
we weren't aware of. She never gave me the
wink on that.

2. Daddy, Mom, better than watching Mother
Father getting dressed up for a night on
the town was watching leave.

That's where the imagined life began
A place where Eye could pretend dress up ^{enter} at any of my own direction
A different ^{story line} every time but always with
similar outcomes - Eye can always
shrimp & Eye always get the girl.

In my fantasy world Eye always live far away from
the public - at home usually on a mountain
sometimes a cloud & even in an underwater
cave. (How that was accomplished ^{was} never
derided but somehow ^{it} worked out)

Superspowers - optional but always with
secret flying abilities I entered extra location
anytime Eye chose.

Hidden Places, Secret Abilities
A part of oneself that is never shown.
Then r the necessary tools &
an vibrant imagination & the main ingredients of a
good song.

*image
not
available*

The problem with Vision Fest is that it's the
time. Patience is required. After the
encounter with Laura, who had since moved
away 2 a better neighborhood, Eye needed
real partners 2 explore the deeper, meaningful relationships
a fun sub-culture would!

Eye was small. The smallest of the kids
in school so Eye needed a gimmick. Some, but
wouldn't people notice me. Eye tried to dance
at my kid sister Tyla's prodding. Tyla told me
Eye was good at rapping 8 Eye believed her. So
off 2 the school talent show Eye went.

What happened next almost derailed
my hopes of neighborhood stardom 4 good. After
they announced my name, Eye sheepishly walked
onstage 8 proceeded 2 do ^{stutter} at-at-tat steps with no
music, mind u) 4 28 1/2 min. which actually felt like
years. until well, Eye just stopped. Eye think the
applause Eye got was 4 me getting off the stage.
Anything I like that tapping noise stop.

Dwight Budener 8 his brother followed
me home from school that night. 1st 2 escort my sister
8 Eye home because it was Budener at the Talent Show
and secondly 2 ridicule me 8 my performance.
Dwight 8 the Brother would mimic my routine
in between uproarious laughter. Dwight kept
saying 2 me, "What's wrong with u? Negroes
in 4 supposed 2 tap dance no more!"

*image
not
available*

W
H
K
D
V
S
C
R

Some topics can't be glossed over
After several breakdown of communication
& the occasional violence My Mother &
Father divorced. Eye had no idea what
impact that would have on Me. Eye was
7 years old & more than anything I just
wanted peace - a quiet space
where Eye could hear myself think &
create. The separation was good for
1/2 of them at the time. They needed
I explore themselves without
interference from each other.
For a time everyone was happier. My Father
would come by every weekend & take us to
church & then I'd argue afterward. Just like
04 except now my Mother was absent. Their
stubbornness on their part would be their ultimate
undoing. Eye missed seeing her get dressed
up in her Sunday Best. Eye missed the admiring
eyes from the other kids cause Eye had the
most beautiful Mom. Most of all Eye missed the knowing
wink that she'd give me whenever Eye was unsure
about something. That wink meant everything was alright.
When in fact... Everything was different now. Eye
didn't actually begin to know the world until he left
my Mother. Being the only male in the house
with the Eye understood of the left.

*image
not
available*

New Beginnings...

The day Eye was 2 galive with my father, there was a drop-off time set... 6:00. Eye didn't know that until later... because out of spite My Mother told me she had someone 2 b a - I rushed me 2 pack so that she could drop me off some 2 hours earlier. Eye didn't care one way or another & not a single word was spoken on that 2 minute trip over this apartment. My Mother pulled up, Eye got out & she left. Eye sat there emotionless at 1st then a sub deed joy entered my soul. Eye knew the best was yet 2 come. Eye wanted 2 prove 2 my 1st love My Mother that the name Prince... My Father's stage name knowing given some 1/2 worthy of Her love, adoration & respect.

PUBERTY

R-Rated Movies at the drive-in. 4 My step father it was never an issue. Not only did he want 2 them, taking 1/2 a couple neighborhood kids would save them from having "the talk" with us. Not that any of us had any disillusion about where babies come from or how they were made, but a ragedy-R-Rated drive in movie in the midst of one's puberty is not the best way 2 learn about sex.

*image
not
available*

We left the house & My Father's initial silence let me know that wouldn't be an ordinary talk. He told me that by what he was about to tell me, My Aunt Olivia was one of the sweetest people he knew. She enjoyed homemaking & having guests over regularly & get together & such. She had a very robust laugh & always looked of a person I let it out. Then one Summer Day she doubled back to the house unexpectedly & get her sweater. Much to her chagrin, she busted her husband full on with one of her friends from the church. Whether true or not - & me was not this issue, but it sure went a long way in explaining how one woman could be so mean to one man. Eye asked if they just didn't break up. He said, "Her religious faith." How'd she ended religion get so complicated.

Eye looked at my aunt differently after My Father broke that news to me. Because My Uncle Mason had lost full use of his legs, He depended upon her & ever after. I was like that movie *Misery* now there sometimes.

Eye just spent as much time as Eye could with friends. Eye had a band over North & the fantasy combination of High School Sports & Women over South. There was a constant TV6 of *Warrior* on between the 2 always.

*image
not
available*

coat & get back over North 2 Band rehearsals
By this time Debbie had left me & THE
most popular dude in school - THE QUARTERBACK
of the School's Football Team. Of course. So
unless it was Peety - Eye was better off sticking
2 my guitar. By this time Eye had purchased
a vanilla Stratocaster identical 2 the one
Jimi played a Woodstock. Once Eye got 2
my locker, like a scene from a John
Hughes film - the locker door closes &
Peety is standing right behind it way 2 close
& come 4. My heart skipped a measure &
then ran out ahead of me 2 go catch the school
bus home. She said, with the sweetest baby-like
tone - Jo Prince, what's it gonna B? Much 2
my surprise Joanne & Denise were standing
right behind me both with mistletoe dangling
it over my head. As Peety moved slowly
closer 2 me, my heart came running back
down the hallway & jumped in 2 my chest
now pumped up 2 some courage where it belonged.
Everything that happened next was in slow-
motion. Peety & Eye were kissing as if they
knew just what the other wanted. Peety kissed
me as if she had been planning this all year.
It was so good Joanne started moaning &
Denise had 2 stop her. "Shut up, Girl!"

*image
not
available*

Once a writer has actually experienced something of oneself. Then they can better tell others about it.

What happens when 2 lovers stare at one another without speaking, so long the separation between them disappears & they become One. One What?

Prince escreveu essas 28 páginas no início de 2016, em meio à fase intensa de retrospectão que também originou a turnê Piano & A Microphone.

*image
not
available*



A família Nelson em uma foto feita em setembro de 1964 fora de casa, no número 915 da Logan Ave. N, em Minneapolis. Mattie Della Shaw está no canto superior esquerdo; John Nelson, no canto superior direito; Prince, aos seis anos, no canto inferior esquerdo; sua irmã Tyka, aos quatro anos, no canto inferior direito.

As pessoas “diferentes” são as mais interessantes. As melhores músicas vêm de imaginações vibrantes. Personagens de faz de conta, vestindo roupas de faz de conta, criando memórias juntos, chamando tudo isso de Vida.

Meus pais eram lindos. Uma das melhores coisas para mim era ver os dois saindo de casa, bem-vestidos, para uma noite de festa na cidade. Mesmo quando minha mãe voltava um pouco bamba, era muito bom vê-los felizes.

Quando eles estavam felizes assim, tudo corria bem no mundo.

Hoje, lembro que o humor do meu pai mudava instantaneamente sempre que ele via minha mãe bem-vestida.

Ela gostava de atenção e recebia bastante dele quando estava deslumbrante. Entre os amigos e parentes, meus pais eram os mais deslumbrantes! Ninguém se produzia como eles. As joias, luvas e chapéus da minha mãe sempre combinavam. As abotoaduras, alfinetes de gravata e anéis do meu pai brilhavam contra o terno de seda sharkskin. Os ternos dele eram impecáveis. Havia muitos... Cada camisa tinha sua gravata. Minha favorita era uma com ponta de flecha que desaparecia logo abaixo do colarinho...

*image
not
available*

Era aí que a Vida Imaginada começava. Um lugar onde eu podia me produzir e bolar uma fantasia totalmente minha. Uma história diferente a cada vez, mas sempre com resultados semelhantes — muito bem-vestido e ao lado de uma garota. Nesse mundo de fantasia, eu sempre vivia longe do público, em uma montanha, nuvem e até mesmo em uma caverna submarina. (O que tornava isso possível nunca vinha à tona, mas funcionava.)

Superpoderes — opcionais, mas sempre com um dom secreto de voar para entrar e sair dos locais a qualquer hora.

Lugares Ocultos, Dons Secretos. Uma parte da identidade que nunca aparece.

Essas são as ferramentas de uma imaginação vibrante e os principais ingredientes da boa música.

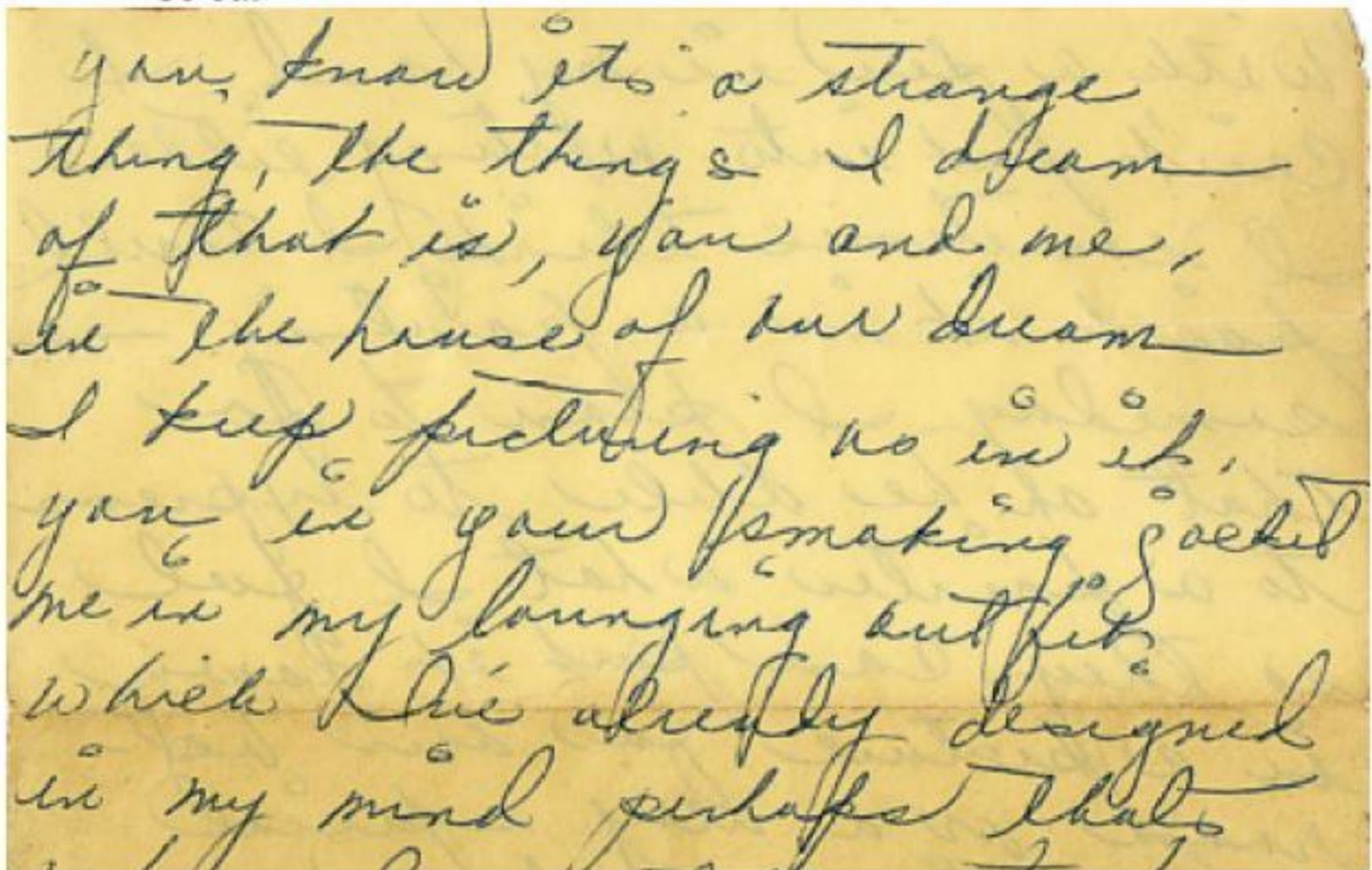
4. PRINCE

A arte da caligrafia precisa de um renascimento. Todos devem ter um amigo para trocar cartas sempre que possível. Quando você tem um público que não julga, sua produção musical adquire um estilo mais fluido e honesto. Como minha mãe também era artista, sua caligrafia era impecável. Se ela escrevesse em uma folha em branco, ao final, as linhas dos parágrafos ficavam evidentes devido à precisão da sua coordenação. Ela me ensinou a escrever no jardim de infância. Começou pelo apelido (Skipper) e depois mostrou o nome: **Prince**.

Os professores tinham dificuldade em me chamar de Prince. Não aceitavam esse nome. Para eles, não era adequado, como King também não era. Então, preferiam Skipper.

Quando me ensinou a escrever o nome, percebi uma mudança no comportamento da minha mãe. Ela olhou para a palavra como, às vezes, olhava para o meu pai. Também era o nome dele. Aquele olhar reverente indicava prazer em me ajudar. Todo ano, as outras crianças e os professores faziam brincadeiras com o meu nome, mas isso nunca me incomodou, porque eu sabia que ele era especial. Ninguém mais se chamava Prince.

Só eu.



*image
not
available*



Prince, em frente ao carro da família, em maio de 1960, pouco antes do seu aniversário de dois anos; o apelido "Skipper" está rabiscado em azul na foto.

A técnica da **Visualização** era comum na época, mas o termo ainda não existia. Quando eu queria que acontecesse algo, escrevia à mão ou à máquina.

Eu estava me procurando fora de mim. Quando pequeno, você se vê nos outros e tenta descobrir quem é. As pessoas dizem: por que a pele dele está tão clara? Por que ele não envelhece? Isso se deve à imagem que tenho de mim. Não me vejo caquético. Por que seu cabelo é assim? Ele é assim porque não sofreu nenhuma alteração. Sabe aquela cena do filme *Matrix*, em que Neo passa a mão na nuca e comenta que os plugues não estão lá, e Morpheus fala: essa é sua autoimagem residual? Foi por isso que fiz as listas e esse tipo de coisa. Para mim, visualização é isso. Eu estava tentando ver quem eu seria no futuro.

Tyka me admirava porque eu era uma versão em miniatura do meu pai. Ela o amava e estava sempre debaixo da asa dele. Eu amava meus pais, mas guardava uma certa distância do meu pai. Nunca entendi por quê. Talvez porque ele representasse a disciplina.

Ele era meu vizinho. Morava na subida da rua. Vamos manter o seu nome completo, porque isso é muito engraçado. É tão típico da região! Parece um personagem de desenho animado. E não haverá nada além disso.

Vejo que quase tudo naquelas listas se concretizou. Antes de compor uma música de verdade, as listas e estatísticas foram as minhas primeiras obras. A melhor lista era a de namoradas. Todas as meninas que eu curti na escola estavam nela. Não importava se elas gostavam ou não de mim.



John Nelson guardava várias fotos de Mattie na carteira. Prince recebeu a carteira em algum momento depois da morte do pai, em agosto de 2001, e a preservou intacta em Paisley Park. A carteira foi encontrada no segundo andar, em um baú cheio de cadernos de Prince, em junho de 2016.

WHEN DOVES CRY

A música cura. Há segredos tão sombrios que devem ser transformados em uma canção antes de ser encarados.

*image
not
available*



John leva Tyka e Prince a um parque, em setembro de 1962.

Em 1967 ou 1968, minha mãe se casou com Hayward Baker, de Chicago — o casamento foi lá.

Em teoria, os pais devem ficar juntos. Mas, no dia em que minha mãe **se casou novamente**, resolvi morar com meu pai, que amava a Bíblia e tinha classe e padrões morais sólidos. O oposto do meu padrasto. O melhor que posso dizer a seu respeito é que ele fazia minha mãe feliz. Aos 12 anos, deixei os dois viverem juntos e fui morar com meu pai. Foi o dia mais feliz da minha vida. Nunca teria chegado tão longe sem um professor. Eu precisava ficar perto do meu herói.

*image
not
available*

5. RECOMENÇOS

No dia em que fui morar com meu pai, o horário marcado para ela me deixar lá era às 6h. Eu só soube disso muito depois. Por vingança, minha mãe alegou um compromisso e me apressou para chegarmos lá duas horas antes. Para mim, tanto fazia, e não falamos nenhuma palavra no trajeto de 12 minutos até o apartamento dele. Minha mãe parou o carro, eu saí e ela foi embora. Fiquei lá sentado, indiferente, até que uma alegria moderada se infiltrou na minha alma. Eu sabia que o melhor ainda estava por vir. Queria provar para o meu primeiro amor, minha mãe, que o nome **Prince** (o nome artístico do meu pai, que agora era meu) merecia seu amor, sua adoração e seu respeito.

Eu acho que meu pai estava cutucando a minha mãe quando me deu o nome Prince. Para ela, eu curti música um pouco demais. Ela não gostava disso, porque a música tinha acabado com seu casamento. Meu pai levava a música muito a sério. Todo mundo me achava estranho. Lembro-me de ter tido muitos sonhos estranhos. Passava muito tempo sozinho. Então, passei a focar a música. De certa forma, era mais importante do que as pessoas. [Los Angeles Times, 1980]

*image
not
available*

A Whole New
Concept In Music
with the
PRINCE ROGERS TRIO



New Sounds!



New Music!

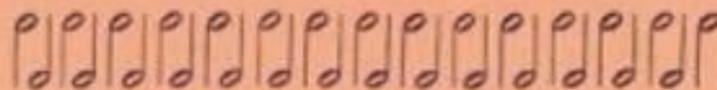
Featuring

- No One Else
- Spinning Wheel Blues
- Seventh Ave. Express
- How Come
- Blue Skirt Waltz
- One Kiss
- One Night of Love
- It's A Sin To Tell A Lie
- Red Sails In The Sunset
- September Song
- Deep Purple



- Laura
- I Wish You Love
- Blue Moon
- I Wonder What Became of Sally
- Sweet Sixteen
- Alice Blue Gown
- Irish Eyes Are Smiling
- Sentimental Journey
- Night Train
- Red Top

MANY, MANY MORE!



Um panfleto e cartões de visita do Prince Rogers Trio, a banda de jazz de John Nelson. Prince guardava uma cópia do panfleto no Vault em Paisley Park. Observe que "Laura", a música citada nas memórias, está no topo da coluna da direita. Em uma foto sem data, John (o primeiro à direita) conduz o grupo; o nome "Prince Rogers" estampa a bancada.

*image
not
available*

4th QUARTER MID-TERM PROGRESS REPORT

Student Prince Nelson Class English Period 4
 Times absent from class 1 Times tardy to class 0 Homeroom 212

PRESENT STANDING

Quantity of Work

- completed more than required work
- completed all required work
- completed most required work
- completed only some required work
- completed little required work

Quality of Work

- above average
- average
- below average

Prince could be doing much better work than he is, even though it is already above average. He has fine skills and a clever, perceptive mind.

The following behaviors are those that can help a student achieve the class goals and make the class a good learning place:

Your student generally.....	YES	NO	DOES NOT APPLY
Comes to class on time.....	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brings necessary work materials.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Is a good listener when teacher or other students are talking.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pays attention to instructions.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Completes assignments in class.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Makes up missed work.....	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Treats other people with consideration....	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Willingly accepts a challenge and looks for new ones.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participates in class discussion.....	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Often gives aid or help to teacher and other students.....	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

SUGGESTED REMEDIAL MEASURES

- come to class
- come to class on time
- make up work promptly
- pay attention in class
- complete assignments in class
- bring work materials

- complete homework on time
- study for tests
- ask for help when needed

If you would like further information, please call Bryant Jr. High at 822-3161. Leave a message for me and I will return your call. If you would like to write comments, please do so on the back and return this sheet to me. Thank you.

Mrs. Hoben
(teacher)

No boletim do quarto trimestre, a Sra. Hoben, professora de Prince, escreve que ele "poderia ter resultados muito melhores, apesar de já estar acima da média. Ele é talentoso, inteligente e perspicaz". Este era um dos poucos boletins preservados no Vault, em Paisley Park.

7. SOUTHSIDE

Quando eu era garoto, havia testosterona demais para mim no Northside de Minneapolis. Após a mudança para o Southside, tive que ir para uma nova escola. André Cymone, que tem a minha idade e tocava baixo na nossa banda, sempre me deixava por dentro do que estava rolando. Brigas sérias, casos de gravidez acidental e até alguns tiroteios. Depois da morte de Kyle Ray, um **DJ local** muito querido na comunidade, tive que dar um tempo da cena. O Southside era um local secreto, que me distanciava da galera do Northside. Além disso, a PUBERDADE veio com a força de um furacão, e eu só conseguia pensar no sexo oposto.

○ DJ local é um vórtice de energia. A missão dos DJs é unir as comunidades. ○
presidente deve ser como um DJ local.

O legal era que agora eu estava em um ambiente muito mais saudável. Minha tia Olivia, embora excessivamente religiosa (a mulher falava mais da Bíblia do que Jesus), me amava e cuidava de mim da melhor forma possível. Mas, com o marido, Mason, ela era rude, indiferente ao extremo e apática, sem nenhum motivo para isso (era o que eu achava). Um dia, durante uma das visitas de fim de semana do meu pai, perguntei o que havia acontecido. Ele disse: “Vamos dar uma volta de carro.” Entendi. A situação já estava indo ladeira abaixo!

Sáímos, e, pelo silêncio inicial do meu pai, compreendi que aquela não seria uma conversa comum. Ele disse que, antes de começar, queria que eu soubesse que minha tia Olivia era uma das pessoas mais doces que ele conhecia. Ela gostava de cuidar da casa e de receber visitas. Tinha uma risada muito intensa e sempre buscava um motivo para rir. Mas, no verão, ela voltou para casa de surpresa para pegar um suéter. Nesse dia, lamentavelmente, flagrou o marido e uma amiga dela da igreja com a mão na massa. Verdade ou não, eu achava que o problema não era esse, mas, com certeza, explicava bastante por que ela tratava o homem tão mal. Perguntei por que eles não se separavam, e ele disse: “Por causa da religião dela.” Como, por que e quando a religião ficou tão complicada?

Passei a olhar para minha tia de forma diferente depois disso. Como havia perdido todos os movimentos das pernas, meu tio Mason dependia dela para tudo. A casa lembrava aquele filme Louca Obsessão às vezes. Eu passava a maior parte do tempo com meus amigos. No norte, tinha uma

banda e, no sul, a combinação fantástica de Esportes + Garotas. Havia um cabo de guerra constante entre os dois locais.



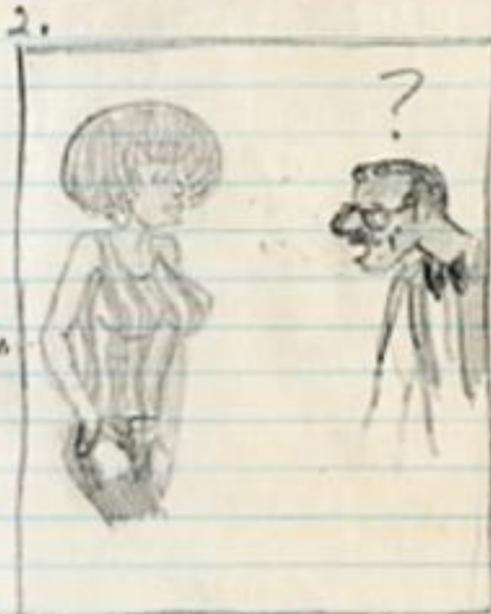
Aqui, Prince se apresenta no Plymouth Community Center, de Minneapolis, com a Grand Central, a banda que tinha no colégio, no início dos anos 1970. Seu primo Charles "Chazz" Smith tocava bateria.

PRINCE'S FUNNIES

By Prince Nelson Jr.



"You Can't do nothing right! Can you?"



"But Daddy, I haven't even matured yet!!"



"Hey, did you know that too much sex makes your hair grow?"



"Daddy, what's a queer?"



"I can't answer you right now, son."

"Ei, sabia que sexo em excesso causa crescimento de cabelo?" Uma amostra da precocidade e do senso de humor de Prince na época do colégio, também preservada no Vault em Paisley Park.

No final das contas, **Debbie** venceu. Havia muitos motivos para gostar dela. Primeiro, o penteado black. Era perfeito, redondo e grande. Nenhum fio parecia ter sido esticado nem um milímetro. Os cabelos eram